

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Curso de Especialização: Gênero e Diversidade na Escola

**ISTO É POSSÍVEL? OS PROTAGONISTAS DA HISTÓRIA SÃO NEGROS:
projeto de intervenção para desmistificação da imagem do negro através dos livros afro-
literários infanto-juvenis**

Márcia Antunes Pinto

Belo Horizonte

2016

Márcia Antunes Pinto

**ISTO É POSSÍVEL? OS PROTAGONISTAS DA HISTÓRIA SÃO NEGROS:
projeto de intervenção para desmistificação da imagem do negro através dos livros afro-
literários infanto-juvenis**

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG como requisito básico para a conclusão do Curso de Especialização: Gênero e Diversidade na Escola.

Orientadora: Profa. Regina Helena Alves da Silva
Coorientadora: Johanna Katiuska Monagreda

Belo Horizonte

2016



UFMG



ATA DA DEFESA DE MONOGRAFIA NO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA DE MARCIA ANTUNES PINTO

Aos 04 (quatro) dias do mês de MARÇO de DOIS MIL E DEZESSEIS reuniu-se a banca examinadora da monografia em Especialização em Gênero e Diversidade na Escola com o título: "*ISTO É POSSÍVEL? PROJETO DE INTERVENÇÃO PARA DESMISTIFICAÇÃO DA IMAGEM DO NEGRO ATRAVÉS DOS LIVROS AFRO-LITERÁRIOS INFANTO-JUVENIS*", composta pelas professoras: **Professora DRA. Regina Helena Alves da Silva (ORIENTADORA- UFMG), Profa. M.^a Johanna Katuska Monagreda (COORIENTADORA- UFMG), Profa. DRA. Analise de Jesus da Silva.**

Procedeu-se à arguição e definiu-se:

aprovada () reprovada

Para constar, foi lavrada a presente ata, que vai datada e assinada pelos examinadores.

Belo Horizonte, 04 de março de 2016.

Banca Examinadora:

Professora DRA. Regina Helena Alves da Silva (ORIENTADORA- UFMG)

Profa. M.^a Johanna Katuska Monagreda (COORIENTADORA- UFMG)

Profa. DRA. Analise de Jesus da Silva.

Ao meu esposo, por me incentivar e me apoiar.
Sua paciência foi fundamental para me trazer de
volta a tranquilidade durante esta trajetória.

AGRADECIMENTOS

A Deus por me iluminar e não me deixar esmorecer durante os percalços.

A esta universidade e ao Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT que proporcionaram um aprendizado de grande importância para minha prática pedagógica.

A minha orientadora e a minha tutora pelo suporte no pouco tempo que lhe couberam para as correções e incentivos.

Ao meu esposo pelo apoio incondicional.

Aos meus colegas de trabalho, em especial ao meu colega João Silva, que contribuíram para a realização do meu projeto.

Aos meus estudantes pelo carinho e contribuições.

RESUMO

Este estudo apresenta um projeto de intervenção que teve como objetivo desmitificar a condição de inferioridade atribuída aos negros utilizando alguns livros afro-literários infanto-juvenis. O critério de escolha dos livros utilizados no projeto, em primeiro lugar, foi que apresentassem personagens negras como protagonistas e também desenvolvessem uma imagem positiva dos negros, em posições na sociedade que não fossem apenas de escravos ou subalternos, mostrando sua competência artística, científica, criativa; uma imagem livre do preconceito. A metodologia utilizada foi realizar uma discussão prévia com os estudantes sobre a representação dos negros, diversidade, racismo, preconceito e discriminação para eles. Posteriormente, produzir uma resenha crítica e releituras das capas dos livros. E, finalmente, realizar uma nova discussão com os estudantes para verificar a efetividade dos trabalhos. A conclusão obtida foi que o trabalho de desconstrução dos preconceitos de modo geral e, especificamente do preconceito para com os negros, só será efetiva com inclusão da História da África e da Cultura Africana e Afro-Brasileira nos currículos em um processo contínuo e interdisciplinar. Desta forma, os estudantes terão uma melhor compreensão da história da formação do povo brasileiro, e os afro-brasileiros poderão construir uma imagem positiva de si e se auto reconhecer como sujeitos históricos.

Palavras-chave: Desmitificar. Inferioridade. Discriminação. Livros afro-literários.

ABSTRACT

This study presents an intervention project that aimed to demythologize the condition of inferiority assigned to the blacks using afro-literary books for youth. The criterion for the choice of books used in the project, in the first place, was that they had black characters as protagonists and also developed a positive image of the blacks, in positions in society that were not only slaves or underlings, showing their artistic, scientific and creative competence; an image that was free of prejudice. The methodology used performed a prior discussion with the students on the representation of the blacks, and also the diversity, racism, prejudice and discrimination for them. Subsequently, a critical review and re-reading the book covers was produced. And finally, a new discussion with the students to verify the effectiveness of the work was made. The conclusion was that the work of the deconstruction of prejudice in general and, specifically the prejudice towards the blacks, will only be effective with the inclusion of the History of Africa and the African and Afro-Brazilian Culture in the curriculum in a continuous and interdisciplinary process. So, the students will have a better understanding of the formation of Brazilian people history, and Afro-Brazilians can build a positive self-image and recognize themselves as historical subjects.

Keywords: Demythologize. Inferiority. Discrimination. Afro-literary books.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 Situação Problema	9
1.2 Objetivos	10
1.2.1 Objetivo Geral	10
1.2.2 Objetivos Específicos.....	10
1.3 Justificativa.....	10
2 REFERENCIAL TEÓRICO	15
2.1 Conceito de raça, racismo e etnia	15
2.2 Relações raciais no Brasil e a democracia racial	16
2.3 Preconceito e discriminação racial	17
2.4 O processo de criação da identidade e da diferença	18
2.5 A branquitude e a construção da identidade negra.....	19
2.6 O papel da escola na produção e na reprodução das desigualdades.....	21
2.7 O negro na literatura	22
3 METODOLOGIA DA PESQUISA	25
3.1 Caracterização das obras	25
3.2 O processo de discussão prévia com os estudantes	28
3.3 O trabalho de leitura e resenha crítica dos livros	30
3.4 Análise do trabalho por parte dos estudantes	30
4 CRONOGRAMA.....	33
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS	36
ANEXO I.....	39
ANEXO II.....	43

1 INTRODUÇÃO

1.1 Situação Problema

Comentários e brincadeiras preconceituosos de alguns estudantes sobre colegas negros como “só podia ser preto”, “isto é serviço de preto”, “cabelo ruim ou cabelo pixaim”, “só se fala de negro”, como também a postura de não enfrentamento dos problemas por parte de colegas professores que sempre comentam que não sabem lidar com estas temáticas e não vão discutir em sala de aula com os estudantes, me chamavam a atenção para o silenciamento da escola frente às discriminações. Quando me refiro à escola, estou me referindo ao conjunto de professores, aos estudantes e funcionários. Mas, a participação no curso Gênero e Diversidade na Escola foi de extrema importância para me fazer refletir sobre as minhas práticas pedagógicas e de meus colegas professores. Então procurei detectar os conflitos existentes dentro do espaço escolar, e percebi a necessidade de tomar iniciativas para implementação de propostas que visem a valorização e preservação da cultura afro-brasileira na nossa História. Conforme Freire (1996) é necessária a reflexão crítica de nossa prática docente e pensar se realmente estamos respeitando a individualidade e identidade de nossos estudantes, e qual o exemplo que estamos mostrando a eles.

Optei, então, no meu projeto de intervenção, por trabalhar com livros afro-literários pelo fato da biblioteca da escola possuir vários exemplares voltados para o trabalho da identidade negra, da cultura e valores africanos. Estes livros foram enviados para as escolas, pela Secretaria Municipal de Educação de Contagem, como uma das ações do programa Negro em Foco, institucionalizado em 2006, cujo objetivo era efetivar uma pedagogia antirracista e políticas de promoção da igualdade racial na educação. Outro fator que influenciou na escolha do projeto foi a percepção através de conversas com os estudantes, que muitos não tinham conhecimento da existência de livros que mostravam a cultura proveniente da África e o negro num papel de destaque nas histórias. De acordo com Castilho (2005) a literatura infanto-juvenil estimula a imaginação, desperta emoções, mas também contribui para a formação de valores e identidades, não sendo um terreno neutro. Como também o contato com obras de autores negros ou afro-brasileiros vai contribuir para que os estudantes tenham um referencial positivo da pessoa negra como produtora intelectual e artista do universo das letras, conforme afirma Amâncio (2015).

Na literatura, na década de 80, se inicia um rompimento com a imagem estereotipada do negro e através dos livros afro-literários se buscam o resgate e a valorização das tradições

africana e afro-brasileira, se procura desconstruir os preconceitos existentes em relação ao negro e colocá-lo também na posição de protagonista das histórias:

A literatura enquanto arte literária possibilita romper com os padrões normativos e configura novas perspectivas, tanto de ordem temática quanto de ordem discursiva, abrindo espaço para vozes questionadoras dos próprios sujeitos afro-brasileiros. Assim, tais sujeitos passam a ser protagonistas de sua própria história. (SOUSA E SODRÉ, 2011, p. 13)

Os estudantes negros na maioria das vezes não se sentem representados pelos modelos de pessoas apresentados nos livros, como também não possuem nenhuma referência com os autores brancos, e conseqüentemente não conseguem constituir sua identidade. Como também são deturpadas e estereotipadas as imagens do negro por parte dos estudantes brancos. Portanto, decidi proporcionar aos estudantes, com faixa etária entre 13 e 15 anos, uma leitura diferenciada, que se distanciaria um pouco do perfil de histórias a que estão acostumados, para ajudar a desmitificar a condição de inferioridade atribuída ao negro. Pois, o contato dos estudantes com o livro, o conhecimento da vida do autor, e as discussões que podem advir destas leituras, com histórias de protagonistas negros ou histórias de origem africana, poderiam iniciar uma trajetória na autoestima e na busca da identidade étnica do estudante negro e incentivar os outros estudantes a terem um novo olhar sobre as diferenças e se perceberem partes do processo de discriminação.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

Contribuir para a desmitificação da condição de inferioridade atribuída ao negro utilizando alguns livros afro-literários infanto-juvenis.

1.2.2 Objetivos Específicos

Introduzir no imaginário dos leitores, elementos da cultura africana que influenciou a cultura brasileira.

Melhorar a autoestima dos estudantes negros.

1.3 Justificativa

Fazendo uma análise das desigualdades raciais em nossa sociedade podemos observar que ainda existem disparidades entre brancos e negros no que diz respeito à renda, à educação, à habitação, à saúde, etc. Segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA, indicadores socioeconômicos mostram uma melhoria nas condições de vida da população negra, bem como no acesso a serviços e direitos, graças à políticas públicas dos

últimos anos. Porém ainda não podemos vislumbrar a superação da desigualdade racial. Sendo protagonistas na construção da história do nosso país, os negros ainda sofrem com as desigualdades de acessos, com a inferiorização e com a invisibilização. A luta dos movimentos sociais negros que resultaram em ações afirmativas implementadas pelo governo nas áreas da saúde, educação, trabalho, juventude e mulheres, a criação do estatuto da igualdade racial, e a criminalização do racismo para combater a discriminação cotidiana ainda não são suficientes. É preciso que haja uma desconstrução das crenças e da naturalização das identidades, assim como buscar estratégias para fomentar as políticas institucionais e para as ações individuais, valorizando a diversidade.

Ao considerarmos a escola como uma instituição responsável pela educação, socialização e formação do indivíduo, devemos lembrar que dentro deste ambiente existem diferenças de etnia, raça, gênero, crenças, valores e costumes que irão influenciar na construção das identidades. E algumas práticas dos educadores, como escolha de materiais pedagógicos, filmes, ornamentação da sala de aula, assim como a inter-relação destes com os estudantes, também irão contribuir para a constituição das identidades. Quando a escola mantém um projeto de educação comum a todos invisibilizando as diferenças, quando silencia frente ao preconceito e à negação de direitos, e quando se omite na mudança de posturas e enfrentamento dos problemas, acaba reproduzindo e produzindo a normatização e a hierarquização da sociedade. Como relata Freire (1996) todo tipo de discriminação é imoral e é preciso combatê-la independentemente dos condicionamentos que iremos enfrentar.

O que se vê habitualmente nas práticas pedagógicas é a naturalização das opressões e discriminações nos currículos reforçando as hierarquias e normas dominantes com utilização de materiais que destoam da realidade da cultura brasileira. A presença negra nos livros vem aumentando ao longo dos anos, mas o negro aparece de maneira muito limitada nas imagens e quando aparece ocupa sempre papéis de menor prestígio na sociedade.

Na literatura infanto-juvenil também se fazem presentes os estereótipos e preconceitos.¹ Apesar de já existirem propostas de literaturas inovadoras, para se trabalhar a cultura africana e a pluralidade brasileira, em muitas produções literárias o que se vê é a

¹ No livro *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, publicado em 1890, aparece a personagem Bertoleza, negra e mulher, na condição total de inferioridade, ao lado, ou melhor, aos pés de João Romão, sempre submissa. E no livro *Memórias da Emilia*, de Monteiro Lobato, publicado em 1936, as personagens Tia Nastácia, Saci e Tio Barnabé são sempre associados ao errado, ruim e incapaz.

reafirmação dos padrões hegemônicos representados por personagens brancos, de classe média, ocupando os papéis principais, e quando apresentam personagens negros, estes sempre sub-representados:

O que se tem de um lado é uma literatura sobre o negro, em que uma parcela importante de obras está centrada na figura do escravo nobre, que vence por força do seu branqueamento; o negro vítima; ou uma parcela significativa de seres inanimados, sem direito à fala ou à emoção ao longo da narrativa.² (FELISBERTO, 2006, p. 72)

Outro fator importante também, relacionado a literatura é que as obras de autoria negra ainda não circulam com a mesma frequência e naturalidade como as obras de autoria branca conforme cita Amâncio (2015) mantendo a inferiorização da pessoa negra como sujeito autoral e de produção intelectual, o que também reafirma a dissimulação do racismo no Brasil.

É preciso lembrar que as identidades são construídas através da relação do indivíduo com a família, escola, religião, relações afetivas e de trabalho, com formação continuada. E, como relata Cavalleiro (2006) a criança no convívio social pode incorporar valores e crenças que lhe são transmitidas e não próprias dela. E enquanto educadores precisamos romper com o paradigma dominante, dialogar com nossos estudantes sobre a necessidade de se transgredir as identidades existentes, orientadas por um único lugar e/ou condição social, ligadas as relações de poder; e também mostrar que as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela, e para uma pessoa existir ela depende de outra.

Em uma primeira tentativa de mudança da minha prática docente, eu convidei alguns professores da escola onde trabalho, Escola Municipal Vasco Pinto da Fonseca, em Contagem, para realizarmos um trabalho de duas semanas sobre a diversidade étnico-racial com foco nos negros, e com o objetivo de mostrar aos estudantes a riqueza cultural trazida pelos africanos, a diversidade existente em nosso país e estimulá-los a buscarem o seu pertencimento étnico-racial. Além de mostrar aos outros profissionais da escola a importância da inclusão efetiva da história e literatura afro-brasileira como parte do currículo, e não como parte do projeto político pedagógico da escola somente no papel.

Este trabalho aconteceu na segunda quinzena do mês de Agosto e os professores envolvidos realizaram atividades focadas nos heróis negros; na mudança da visão equivocada

² Podemos tomar como exemplos os personagens: Benedito da obra *Dito, o negrinho Flauta*, de Pedro Bloch, publicado em 1982; Carniça da obra *Tonico e Carniça*, de José Resende Filho e Assis Brasil, publicado em 1983; Isaura da obra *A Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, publicado em 1875.

da África que vários estudantes possuem, como sendo um país, um lugar só; nas características físicas relacionadas à adaptação do homem ao meio ambiente; em vídeos que trabalham com a questão do racismo e do preconceito; na contribuição do negro para a música. E como parte deste trabalho a minha proposta de intervenção foi trabalhar, juntamente com o professor de língua portuguesa, com os livros de literatura infanto-juvenis disponíveis na biblioteca da escola que poderiam contribuir para romper com os silenciamentos e os preconceitos em relação ao negro. Eu me questionava se seria possível que esta experiência de leitura pudesse atizar a curiosidade dos leitores e fazê-los refletir sobre as diferenças e começarem a questionar a norma imposta. Essa visão de África, não como um continente de cultura, economia, religiosidade e povos diversos, mas sim, como um lugar único, onde existem apenas pobreza, guerra, doenças, composta apenas por pessoas negras consideradas escravizadas, inferiores, sem um papel de importância na história, precisava ser mudada.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Conceito de raça, racismo e etnia

O termo raça primeiramente foi usado nas ciências naturais para classificar animais e vegetais. Posteriormente, na Europa medieval, o termo raça foi utilizado para definir as relações de dominação e sujeição entre classes sociais. No século XV, com a descoberta dos ameríndios, negros e outros, o conceito de raça é utilizado para nomeá-los como raças diferentes. Num processo de classificação se estabelecem critérios com base na diferença e na semelhança, então no século XVIII, a cor da pele foi considerada um critério fundamental para diferenciação das raças, sendo a espécie humana dividida em três raças: amarela, branca e negra. No século XIX, os critérios morfológicos como forma do nariz, do crânio, dentre outras, foram acrescentados para melhorar a classificação.

Já no século XX, devido aos progressos da genética humana, descobriu-se que no sangue haviam critérios mais precisos para dividir a humanidade em raças distintas. E a soma de todos os critérios deu origem a várias raças e sub-raças. Porém, com as pesquisas de comparação observou-se que geneticamente dois indivíduos de raças diferentes podem ser mais próximos que os pertencentes a mesma raça. E essas diferenças não são suficientes para classificar os indivíduos em raças.

Essas classificações não teriam problema se houvessem se mantido apenas no campo das características físicas. Porém, se criou uma hierarquização entre as chamadas raças utilizando valores morais, intelectuais, culturais. Assim, os indivíduos da raça branca foram considerados superiores em relação aos negros e amarelos. A dominação se daria principalmente sobre a raça negra que era considerada mais estúpida, mais emocional e mais propensa a ser escravizada.

Portanto, é possível observar que o conceito de raça, atualmente, não tem nada de biológico, mas é uma ideologia que esconde a relação de poder e dominação. E é a partir destas relações que se institui o racismo.

Segundo Munanga (2004) a primeira origem do racismo deriva do mito de Noé, personagem bíblico, de onde se inicia a primeira classificação religiosa da humanidade, entre os filhos de Noé: Jafé (ancestral da raça branca), Sem (ancestral da raça amarela) e Cam (ancestral da raça negra). Ao ficar sabendo que seu filho Cam, tinha sido desrespeitoso em relação a ele, Noé o amaldiçoa, e lhe diz que seus filhos serão escravizados pelos filhos de seus irmãos. Os calvinistas usam deste mito para justificar o racismo antinegro. A segunda

explicação do racismo se origina na classificação que vem da observação das características físicas que influenciam o comportamento dos povos. E também como afirma Munanga (2004), é esta relação entre características biológicas e qualidades morais, intelectuais, culturais e psicológicas que geram a hierarquização das raças entre superiores e inferiores.

Esta concepção de racismo baseada nos fatos biológicos começa a mudar a partir dos anos 70 devido as pesquisas biológicas que descartaram o conceito científico de raça. O racismo passa a ser generalizado com o surgimento de novas formas de racismo, como racismo contra mulheres, homossexuais, pobres, etc. E assim a sua importância e gravidade começam a ficar banalizados. O racismo passa então a se relacionar com a noção de etnia e não mais com a noção de raça.

O conceito de etnia é baseado no âmbito sociocultural, histórico e psicológico, e não no âmbito morfobiológico como o conceito de raça. E de acordo com Munanga (2004) “etnia é um conjunto de indivíduos que histórica ou mitologicamente, têm um ancestral comum, têm uma língua em comum, uma mesma religião ou cosmovisão, uma mesma cultura e mora geograficamente num mesmo território.” E não se pode falar da etnia como uma coisa estática, pois historicamente as etnias vão se modificando.

Independentemente da mudança do conceito de raça para etnia, o racismo se funda na ideologia da dominação e exclusão, onde a população branca está no topo da pirâmide social no centro do poder e a população negra na base da pirâmide como subalternos, sem considerar que tanto brancos e negros possuem diversos grupos étnicos.

2.2 Relações raciais no Brasil e a democracia racial

Segundo Gomes (2005) o termo raça ainda é o mais usado no Brasil quando se discute a situação do negro. A autora também afirma que este termo é o que mais se aproxima da verdadeira discriminação contra os negros em nossa sociedade, que é o racismo. E o racismo, na sociedade brasileira, se dá devido não somente aos aspectos culturais dos diversos grupos étnicos, mas também através da relação entre estes aspectos e os aspectos físicos dos indivíduos.

A sociedade brasileira construiu um discurso, desde o início dos anos 1930, onde haveria harmonia racial entre brancos e negros. O sociólogo Gilberto Freyre, através do seu livro Casa Grande e Senzala, publicado em 1933, é apontado como um dos principais teóricos que divulgou a ideia de democracia racial, pois afirmou que os brancos, indígenas e negros, que compunham a nossa sociedade, conviviam de forma amistosa, ao contrário de outras

sociedades de história escravista. O sistema de segregação racial excludente dos Estados Unidos se contrapunha ao de miscigenação brasileira considerado inclusivo. Para a elite brasileira e para o Estado autoritário, a visão romântica de harmonia racial desviava a atenção da população para os conflitos raciais, negando a existência de violência e exclusão.

A partir da década de 1960 com novas discussões sobre as relações raciais, a oposição entre mito e realidade, sobre a existência ou não existência de preconceito racial, esta forma de se interpretar a realidade racial brasileira passou a ser definida como mito da democracia racial. Para Gomes (2005) este mito pretende “de um lado negar a discriminação racial contra os negros no Brasil, e, de outro lado, perpetuar estereótipos, preconceitos e discriminações construídos sobre esse grupo racial”.

Vivemos num país onde a cor da pele de uma pessoa é mais importante do que o seu caráter e sua história, na inserção social, assim como a escravidão que pesa negativamente sobre a trajetória dos negros na sociedade. Somado a isto, está o fato da sociedade brasileira não se posicionar de forma clara em relação ao racismo. Como relata Gomes (2005) o racismo em nossa sociedade se afirma na sua própria negação. E esta negação do racismo e do preconceito racial se contrapõe à discriminação e desigualdade sofridas pelos negros nos ambiente de trabalho, nas escolas e nas relações de gênero. Pode-se observar a manifestação de práticas racistas na ausência de história de superação do povo negro no Brasil, como também nos livros didáticos e na mídia que retratam o negro de forma deturpada.

2.3 Preconceito e discriminação racial

O preconceito racial é uma ideia deturpada formada antecipadamente sobre pessoas de determinado grupo racial, onde o indivíduo preconceituoso possui uma opinião formada e não aceita conhecer a outra versão dos fatos.

A atitude preconceituosa não é inata, mas aprendida nas relações sociais do indivíduo que se iniciam na família e se estendem para a escola, igreja, círculos de amizade e nas relações trabalhistas.

Com relação a discriminação racial, segundo Gomes (2005) pode ser considerada “como a prática do racismo e a efetivação do preconceito”. O preconceito se mantém no nível dos julgamentos e sentimentos, enquanto a discriminação se dá pelas práticas determinadas pelo preconceito com também por processos sociais, políticos e psicológicos.

A discriminação racial pode ser direta ou indireta. A forma direta é quando o indivíduo é excluído em razão de sua cor e origem étnica. Já a discriminação racial indireta é a mais preocupante, pois não é uma manifestação explícita. Tem como características a invisibilidade e a dissimulação e é identificada nas práticas empresariais ou em políticas públicas a princípio consideradas neutras, mas que são sempre desfavoráveis a determinados grupos raciais.

2.4 O processo de criação da identidade e da diferença

Ao falarmos de identidade temos que falar também na diferença, pois as duas são indissociáveis. Tanto a identidade e a diferença não são coisas que simplesmente existem, estáticas, imutáveis, mas são produzidas nas relações sociais e culturais. Estão em estreita conexão com relações de poder e se organizam em torno de oposições binárias, sendo dado a um termo um valor positivo e ao outro um valor negativo, de acordo com Silva (2000).

Todas as afirmações feitas a identidade só fazem sentido se relacionadas às afirmações feitas a diferença, e uma não existe sem a outra. Ambas são criadas por atos de linguagem e como afirma Silva (2000) o funcionamento da língua é operado por um processo de diferenciação. Por exemplo, a afirmação “ser brasileiro” só tem sentido dentro de uma diferenciação linguística “não sou argentino”, “não sou americano”. Dentro deste processo a identidade e a diferença estão relacionadas às formas de classificação utilizadas pela sociedade onde a principal se dá em torno de oposições binárias como “nós e eles”, “branco e preto”, onde um termo é sempre privilegiado em relação ao outro. Esta forma de classificação nada mais é do que hierarquizar e afirmar o poder. “Fixar uma determinada identidade como a norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. A normalização é um dos processos mais sutis pelo quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença.” (SILVA, 2000, p. 83)

Para Gomes (2005) a relação entre identidade e diferença é como “um processo de espelhamento”. Ao mesmo tempo que as pessoas discriminadas observam a sociedade, imagens são formadas através da forma como a sociedade se vê refletida pelos olhos do outro.

Partindo destas premissas temos sempre que lembrar que as identidades e as diferenças são um problema social porque o encontro entre pessoas é inevitável. Dentro da educação é uma preocupação pedagógica pois os estudantes vão interagir no espaço escolar e a diferença causará conflitos. Então se faz necessário questionar tanto a identidade quanto a diferença, e não apenas admitir e tolerar sem entender o processo de formação de ambas.

Nenhum indivíduo constrói sua identidade baseado em si mesmo, mas através das relações com outras pessoas, dentro de um processo familiar, religioso, cultural e profissional. A constituição desta identidade se inicia nas crianças pela convivência e exemplos de comportamento à sua volta, criando assim o sentimento de pertencimento. Na adolescência a construção de uma nova identidade também se faz necessária para o jovem afirmar seu lugar no mundo. Muitas mudanças ocorrem no seu desenvolvimento físico e psíquico, alterando comportamento e ele precisa se adaptar ao fato de que não é nem criança e nem adulto, o que o deixa muito instável. Nesta fase ele precisa de uma referência com o outro para se perceber como sujeito diferenciado e também precisa se sentir aceito e pertencente a um grupo social. Desta forma a medida que vão se modificando as relações com os pais e em que há uma convivência com outras pessoas, o adolescente vai se deixando influenciar pelo ambiente e vai construir sua identidade.

2.5 A branquitude e a construção da identidade negra

Antes de se falar na identidade negra é preciso entender a ideologia do branqueamento e da branquitude. A ideologia do branqueamento foi uma política de governo respaldada pela elite dominante, que se envergonhava do elevado número de negros e mestiços, para manutenção dos padrões etnocêntricos. Partindo do convencimento dos negros e descendentes de que embranquecendo teriam maior aceitação social, estimularam a miscigenação com o aumento da imigração europeia. Desta forma em alguns anos o país poderia ser considerado uma nação respeitável e com uma maior população branca. De acordo com Bento (2002) o branqueamento era considerado pela elite brasileira como um problema do negro. Porém essa elite determinou seu padrão de grupo como referência para todos os outros grupos, incutindo na população uma imagem negativa sobre o negro culpando-o pela discriminação sofrida e justificando as desigualdades raciais. Como um sintoma da branquitude, a elite dominante não se reconhece no processo das desigualdades raciais, culpabilizando e inferiorizando o negro, como forma de manter os privilégios de sua posição e de se auto preservar. Conforme explica Bento (2002) frequentemente nos debates sobre desigualdades sociais o que se observa é o foco da discussão no negro e o silêncio sobre o branco, como sendo um acordo das pessoas que se identificam como brancas não se reconhecerem como parte do processo de manutenção das desigualdades raciais.

Conseqüentemente, o impacto da ideologia de branqueamento sobre o negro é a busca de uma identidade branca em sua ascensão, baixa autoestima, e dificuldade de identificação racial. Como em outros processos de construção da identidade, a identidade negra se constrói

num contexto social, histórico, cultural, estabelecendo sentido de pertencimento a um grupo social de referência. Mas existe um comprometimento da construção da identidade social negra pois, “construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros(as).” (GOMES, 2005, p. 43)

Conforme relata Djokic (2015) a construção da identidade negra passa por diferentes fases. Primeiramente o negro que não consegue lutar pela sua inserção acaba sendo assimilado pela cultura opressora e passa a rejeitar sua negritude. Quando ele começa a ter contato com pessoas que aceitam a sua negritude ele deixa de enxergar a si e a negritude como empecilhos para sua aceitação na sociedade e começa a desconstruir sua auto rejeição. Em outra fase o negro começa a rejeitar a branquitude buscando pessoas que tenham o mesmo interesse pela causa negra. A última fase do processo de construção da identidade negra é quando o indivíduo não tem mais dúvidas quanto a sua negritude e se sente confortável com a própria identidade.

No caso das crianças e adolescentes negros o sentimento de pertencimento na maioria das vezes não existe, pois eles não se reconhecem dentro de uma sociedade onde somente o sujeito branco e sua cultura têm lugar. De acordo com Lima (2005) a criança não negra tem inúmeros referenciais na elaboração de sua identidade, sendo que a criança negra terá dificuldades de se reconhecer dentro dos padrões de identidade que lhe são oferecidas, já que tem como representações apenas imagens deturpadas do negro.

Para Andrade (2005) a ausência de referências positivas para a criança negra vai enfraquecer sua identidade e causará, muitas vezes, rejeição à sua origem racial, pois o pertencimento só advém de exemplos positivos.

Assim como a identidade é constituída através da relação do indivíduo com outras pessoas, o preconceito e a discriminação também são desenvolvidos na interação do indivíduo com outros dentro do contexto familiar, religioso, de trabalho e na escola, conforme aponta Lopes (2005), sendo uma construção histórica, cultural e social das diferenças, que resulta da constituição de nossa sociedade ao longo dos séculos.

2.6 O papel da escola na produção e na reprodução das desigualdades

É importante reforçar que no processo cultural, social e histórico as diferenças foram sendo naturalizadas e tratadas desigualmente. Devido a hierarquização e relações de poder entre grupos sociais foi considerada a identidade da elite dominante, majoritariamente branca, como padrão ou norma e todos aqueles que fogem a este padrão são considerados inferiores e anormais. E este processo de normatização é que estimula a produção das desigualdades. E pensando neste processo de regulação das condutas humanas devemos fazer uma análise sobre o papel da escola nas relações de igualdade e diferença.

A escola dentro da ideologia do branqueamento passou a ser pensada como um espaço ideal para a reafirmação de pertencimento à nação, como também para difundir os mitos da origem de nossa história e moldar as novas mentalidades. Até o início do século XX a escola era voltada apenas para a população considerada branca, sendo então estabelecidas as bases para incutir no imaginário da população que a aparência europeia deveria ser privilegiada, negando tudo que se referia à herança africana.

E historicamente a escola vem tendo a responsabilidade de educar e socializar o indivíduo buscando sua formação cidadã, mas num sistema de disciplina e regras. Conforme Silva (2014), a escola tem a tarefa de reduzir as diferenças e realçar as semelhanças entre os indivíduos e para melhor organização dos trabalhos a escola promove a hierarquização dos estudantes, classificando-os como “bons estudantes”, “maus estudantes” em relação à norma criada. E esse processo de escolarização acaba produzindo e reproduzindo as normas sociais hierarquizantes e as desigualdades. Dentre as desigualdades presentes no ambiente escolar e nas práticas pedagógicas encontramos a discriminação racial.

Segundo Gomes (2005) o pensamento de muitos educadores é que a discussão da questão racial não é de competência da escola. E que se mantém ainda a ideia do papel da escola como transmissora de conteúdos. A autora também indaga como é possível a escola brasileira se manter desconectada das relações raciais que fazem parte da construção histórica, cultural e social desse país.

Munanga (2005) relata que o alto índice de repetência e da evasão escolar, das crianças e jovens afrodescendentes, além da questão socioeconômica familiar, também é devido a história e cultura desses estudantes não serem representadas no processo educativo baseado no modelo eurocêntrico. Segundo ele, o estudante negro é desestimulado e tem sua aprendizagem prejudicada, devido ao despreparo do professor para lidar com a diversidade,

aos materiais didáticos carregados de conteúdo depreciativo em relação ao negro, e às relações preconceituosas entre os estudantes, e entre professor e estudante.

Para modificar esse quadro de invisibilização e inferiorização do negro que também se mostra presente no ambiente escolar é preciso possibilitar aos professores formação adequada para se debaterem as questões raciais e criar estratégias de intervenção que valorizem a cultura negra e eliminem as práticas racistas, conforme cita Gomes (2005).

De acordo com Freire (1996) é necessário também que nós educadores, conscientes que a educação não pode ser neutra, mostremos aos nossos estudantes que é possível mudar as regras impostas, respeitando as diferenças e tendo a humildade e a certeza de que ninguém é superior a ninguém. Mas para chegarmos ao nível do respeito é necessário que façamos uma discussão com nossos estudantes sobre a forma como as diferenças e as identidades são produzidas, para que eles se tornem mais críticos em relação às identidades existentes e aos processos de hierarquização da sociedade.

2.7 O negro na literatura

Com relação a autoria literária, o que se pode observar é que a frequência e utilização de livros literários de autoria branca, na escola, em maior proporção do que de livros literários de autoria negra ou afro-brasileira contribuem significativamente para a manutenção das representações hierarquizantes e estereotipadas sobre a cultura e história negra. “A não afirmação da identidade étnico-racial do autor, no Brasil, reaviva a quase natural inexistência artístico-intelectual da autoria negra no nosso imaginário” afirma Amâncio (2015), contribuindo para o discurso de inferioridade e incapacidade atribuído ao negro e corroborando para o racismo existente. Diferentemente, se há uma interação maior entre os estudantes e os autores negros ou afro-brasileiros, é possível que se construa uma representação positiva da pessoa negra como produtora intelectual e haja uma mudança na imagem excludente do negro.

Já com relação a literatura infanto-juvenil podemos observar que é um bom exemplo de construção de conceitos e valores, que certamente terá influência na constituição das identidades. Ela foi constituída pensando nas especificidades e características próprias das crianças e dos jovens e pensando também na sua educação, tendo como papel instigar a imaginação das crianças e jovens que na interação com o texto vão construindo novos significados ao mundo ao seu redor.

Para Lima (2005) a literatura não é considerada um espaço de representação neutra, sendo que toda obra literária transmite mensagens e revela expressões culturais de uma sociedade através da escrita e das imagens. E na interação do leitor com a literatura ele vai tecendo opiniões em relação ao ambiente, às pessoas ou sentimentos.

A autora indaga se o modelo de representação do negro nas obras literárias é “capaz de interferir na realidade, limitar percepções e retificar dominações”:

O quadro de análise esboça alguns critérios como treino de observação: a construção ideológica do corpo dos personagens, vestimentas, hierarquias frente aos demais personagens não negros, fala, religião, concepções de civilização envolvidas, raciologias, associações encontradas com a África, tratamentos nessas associações, o grotesco, a sexualidade, etc. A imagem age como instrumento de dominação real através de códigos embutidos em enredos racialistas, comumente extensões das representações das populações colonizadas. A representação popular do outro racial pela mídia também sugere uma investigação, como fantasias coletivas que ajudam na manutenção de identidades dominantes, construtoras de sentimentos que acabam por fundamentar as relações sociais reais. (LIMA, 2005, p. 102)

Segundo Silva (2005) as pessoas inferiorizadas em nossa sociedade são representadas, em grande parte, nos materiais didáticos de forma estereotipada, desumanizados e invisibilizados. E isso faz com que essas pessoas rejeitem seus valores culturais e prefiram os valores culturais de outros grupos sociais mais valorizados, na esperança de se libertarem da dominação e inferiorização. De acordo com a autora esta rejeição de si próprio e a aproximação do outro tido como perfeito é a efetivação da ideologia do branqueamento.

Silva (2005) também relata que a visão da representação do negro como pouco inteligente nos materiais didáticos e nos meios de comunicação pode levar ao preconceito por parte dos estudantes não negros e ao sentimento de incompetência por parte dos estudantes negros levando-os ao desinteresse e à evasão escolar.

Utilizar livros literários que trabalhem com a valorização da história e cultura do negro é uma boa forma de intervenção para a desconstrução dos mitos e estereótipos. Para Munanga (2005) o resgate da história da pessoa negra não é de interesse apenas para os estudantes de ascendência negra, mas aos estudantes de outras ascendências que são afetados pelo preconceito presente na educação recebida. Sendo também importante lembrar que os negros contribuíram para a formação de nossa cultura e identidade nacional.

De acordo com Jovino (2006) atualmente existem textos dirigidos ao público infantil e juvenil que fazem uma ruptura com representações que tragam a depreciação e inferiorização do negro e de sua cultura. Segundo a autora, existem livros que trazem exemplos da cultura

afro-brasileira para criar um estímulo à autoestima do leitor negro e possibilitar ao leitor não negro ter contato com outro lado da cultura que não é tão explorado.

É muito bem colocada a questão do trabalho contra a discriminação não ser voltado apenas ao público negro, mas também aos estudantes não negros, porque todos devem entender que o racismo é um problema social de todos. É importante para a desconstrução das representações negativas que se tem do negro que todos os estudantes, tenham um maior conhecimento da história do negro e da sua contribuição para a nossa cultura e história.

Concluindo, podemos verificar que a literatura infanto-juvenil produzida por autores negros ou afro-brasileiros, ou mesmo a literatura de autoria branca que busque difundir a identidade negra, a cultura e história africanas e combater o preconceito traz a possibilidade de rompimento com os padrões normativos e novas perspectivas, criando um espaço para que os estudantes possam questionar a representação inferiorizada do negro e a hierarquização.

Finalmente, refletindo sobre as práticas pedagógicas na escola onde trabalho e nas relações entre estudantes, e entre estudantes e professores, pude perceber ainda a presença de um sistema normatizador e que corrobora com as práticas discriminatórias. Enquanto professora não posso me excluir deste processo que ignora as exclusões e a inferiorização do negro. E também, tenho que ter consciência de que o meu papel como formadora é importante na construção das identidades dos estudantes. Por isto decidi, dentro de um projeto mais amplo de proporcionar ao estudantes uma nova visão da história e cultura africanos, trabalhar com os livros de literatura infanto-juvenis para desconstruir esta imagem de inferioridade atribuída ao negro.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

O projeto de intervenção foi realizado na Escola Municipal Vasco Pinto da Fonseca, em Contagem, onde é adotado o sistema de ciclos de aprendizagem. A escola, de ensino fundamental, está inserida numa comunidade de classe média baixa e funciona em três turnos, com turmas a partir dos 6 anos de idade até a Educação de Jovens e Adultos, tendo cerca de 878 alunos.

O trabalho com os livros foi realizado com os estudantes do 3º ano do 3º ciclo, sendo que foi feita observação em apenas uma turma com 29 estudantes, sendo 13 meninas e 16 meninos, com idades variando entre 13 e 15 anos. A turma é bastante falante, porém a maioria dos estudantes é comprometida com os estudos, participam das atividades propostas e alguns são bem questionadores. A maioria dos estudantes está junta desde o segundo ciclo, o que aumenta o companheirismo entre eles, porém algumas vezes foi observada certa tensão e conflitos relacionados a questões discriminatórias, como apelidos e piadas preconceituosas em relação a alguns estudantes.

A primeira etapa do projeto foi a apresentação da proposta de trabalho em uma reunião com a direção e equipe pedagógica da instituição escolar para obter sugestões que poderiam enriquecer os objetivos propostos. Posteriormente, foi feito um levantamento dos livros afro-literários existentes na biblioteca da escola e, em seguida, foi organizada uma reunião com o professor de língua portuguesa, para fazer a escolha dos livros e discutir estratégias de trabalho.

Devido aos horários que eu e o professor de língua portuguesa temos com a turma escolhida para o trabalho não coincidir e também por termos número de aulas diferenciado, nós dividimos as tarefas, tendo ele como orientador na elaboração da resenha crítica e da releitura das capas dos livros, e eu como mediadora nas discussões prévias e posteriores à produção escrita. Ambos tínhamos acesso às informações de todo o trabalho, porém ele não se sentiu capaz de participar das discussões por falta de conhecimento da temática racial.

3.1 Caracterização das obras

O critério de escolha dos livros utilizados no projeto, em primeiro lugar, foi que apresentassem personagens negras como protagonistas e também desenvolvessem uma imagem positiva do negro, em posições na sociedade que não fossem apenas de escravos ou subalternos, mostrando sua competência artística, científica, criativa; uma imagem livre do preconceito. Outro fator que contribuiu para a seleção foi o fato de não existirem, na

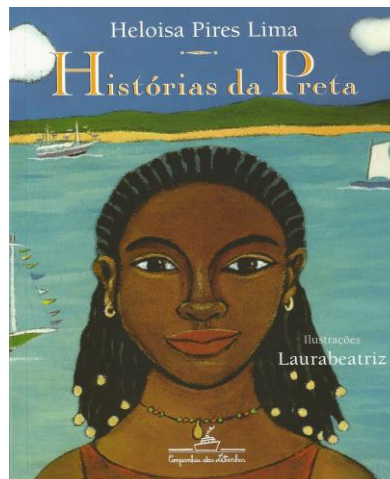
biblioteca da escola, livros voltados para a faixa etária dos estudantes com os quais iria trabalhar. Os livros disponíveis na biblioteca são voltados para o público infantil na sua maioria, havendo alguns títulos que podem ser trabalhados com uma faixa etária de até 12 anos.

Entrei em contato com a Secretaria de Educação do município, para que pudessem me ajudar na busca de livros para o meu trabalho. Eles disponibilizaram exemplares dos livros que haviam sido enviados para todas as escolas da rede municipal, e que faziam parte dos kits afro literários. Mas no acervo da secretaria também haviam livros voltados mais para o público infantil. Dos poucos exemplares adequados para o trabalho com jovens e adolescentes, encontrei apenas os livros *Histórias da Preta* e *Mãe África*, que trabalham nesta perspectiva de abordagem da história e da cultura africanas, da diversidade e valorização do negro. Os outros exemplares tratavam mais de assuntos como preconceito e discriminação.

Contatei então a editora Mazza para indicações de outros livros e a representante de vendas da editora se dispôs a ir à escola onde trabalho para apresentar os títulos com os quais trabalho. A representante indicou alguns livros, dentre os quais, o livro *Histórias do Tio Jimbo*, que achei estar dentro da temática que eu iria trabalhar.

O livro *Histórias da Preta*, de Heloisa Pires Lima, traz uma leitura mais informativa, que apresenta dados sobre a África e sua diversidade, sobre como os negros de diferentes etnias foram trazidos a força para o Brasil, para serem escravizados, da luta pela libertação e da influência negra na cultura brasileira. A história contada por uma menina de nome Preta, que fala sobre suas origens africanas e também através de seus contos vai abordando conceitos como raça, etnia e diversidade. E é discutido também o preconceito sofrido pelos afrodescendentes na atualidade e como esses preconceitos se revelam.

Figura 1 - Capa do livro *Histórias da Preta*

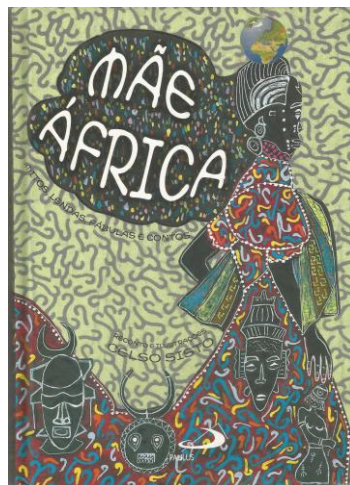


Fonte: Lima, 2005

O texto é escrito de uma forma simples, sendo que a autora se preocupou em utilizar palavras apropriadas em sua origem, procurando explica-las e traduzi-las. As figuras apresentam personagens e animais africanos. Quando o texto fala do homem no mundo atual, apresenta-os com vestimentas ocidentais da atualidade. As ilustrações são muito diversificadas e consistentes acompanhando o que o texto vai contando. São apresentadas figuras da cultura africana e da fauna do continente. Os personagens desenhados se mostram usando roupas da cultura original e também pessoas negras com roupas ocidentais (vestidos, ternos, uniformes escolares).

Já o livro *Mãe África*, de Celso Sisto, trabalha através do reconto de várias histórias a diversidade de contextos culturais, crenças, hábitos, e outros, de várias etnias e regiões da África. O autor também procurou selecionar histórias que não haviam sido publicadas em português que trazem a beleza dos mitos e lendas advindas da diversidade étnica cultural do continente africano, e que exerceram influência na cultura brasileira.

Figura 2 - Capa do livro Mãe África



Fonte: Sisto, 2007

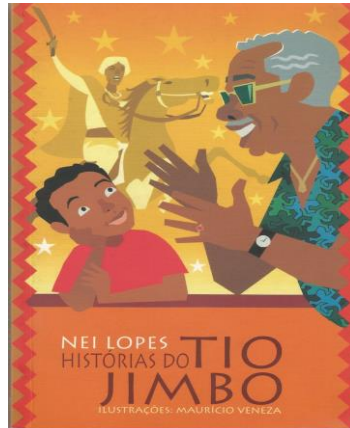
Dentro do contexto de narrativas fantásticas é possível serem exploradas questões ligadas à religiosidade, idealismo, amor, fidelidade, e promover reflexões ligadas aos princípios éticos de liberdade, dignidade, justiça social e respeito mútuo.

As ilustrações, feitas pelo próprio autor, utilizam cores fortes e formas geométricas vibrantes típicas da arte africana, representando cada uma das histórias de uma forma criativa e elaborada.

E o livro *Histórias do Tio Jimbo*, de Nei Lopes, traz uma coletânea de histórias curtas que aconteceram na idade média africana sobre personagens negros, há muitos séculos ou há

menos tempo, na África, em Roma, nos Estados Unidos ou aqui, no Brasil. As histórias são contadas pelo personagem tio Jimbo, que não queria que o sobrinho, Dudu, ficasse na ignorância das histórias de seus antepassados. Tio Jimbo, quando garoto, não ouvia na escola os feitos guerreiros e políticos dos povos africanos, mas sabia da importância de passar para o sobrinho histórias de seu povo que iriam encantá-lo.

Figura 3 - Capa do livro Histórias do Tio Jimbo



Fonte: Lopes, 2007

A tradição da oralidade é a forma que o autor utilizou para passar informações sobre vários personagens da cultura e história africana, que não aparece nos livros escolares nem na mídia. Tio Jimbo assume o papel de um Griot³, ao proporcionar a seu sobrinho, Dudu, uma visão do passado negro-africano e afro-brasileiro, onde também existiam guerreiros, reis, rainhas, escritores e artistas desconhecidos pela maioria das pessoas.

O texto traz um vocabulário simples e de fácil entendimento, capaz de atrair a atenção do leitor. As ilustrações, infelizmente, são em preto e branco, o que tira um pouco o brilho das histórias. Mas, de um modo geral, o livro consegue atingir o seu objetivo.

3.2 O processo de discussão prévia com os estudantes

Levando em consideração o objetivo de desmitificar a condição de inferioridade atribuída ao negro, foi realizado um momento de discussão com os estudantes buscando obter informações sobre a representação do negro para eles. Para esta discussão foram feitas perguntas oralmente a todos os estudantes para obter informações sobre o entendimento deles

³ Os *griots*, *jali* ou *jeli* (*djeli* ou *djéli* na ortografia francesa), são os indivíduos que tinham o compromisso de preservar e transmitir histórias, fatos históricos e os conhecimentos e as canções de seu povo. Existem os *griots* músicos e os *griots* contadores de histórias. Disponível em < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Griot>>, acesso em 06/02/2016.

a respeito de diversidade, racismo, preconceito e discriminação. A medida que foram exposto sua posição sobre o assunto foram feitas anotações no quadro branco para registro.

A discussão teve como referência a atividade do anexo I, e foi proveitosa, embora menos da metade dos estudantes tenham externalizado suas opiniões e alguns tenham feito piadinhas com relação aos colegas não levando muito a sério a discussão. Até questionei-os se as brincadeiras não seriam uma forma de discriminação, mas eles alegaram que são amigos e que entre eles existe a liberdade para as brincadeiras. E quando eu perguntei se respeitavam o colega apesar das diferenças obtive os seguintes relatos: “Muitos extrapolam o limite das brincadeiras.”; “Todo mundo zoa todo mundo.”; “A zoeira deixa de ser zoeira quando ofende o outro.”

Eu pude observar também, que vários estudantes já haviam sofrido algum tipo de discriminação por serem diferentes. Quando foram perguntados sobre o problema em ser diferente do outro alguns estudantes relataram: “Quem está fora do padrão imposto pela sociedade é julgado.”; “Muitos são marginalizados pela aparência.”; “Numa festa que eu fui e tive o celular furtado os rapazes brancos colocaram a culpa no negro que estava próximo: *foi aquele preto safado.*”

E quando fiz a pergunta sobre alguém já ter se sentido “na pele” do patinho amarelo mostrado na atividade⁴, alguns responderam que quando criança já tiveram vários apelidos como: “cabelo de Bombril”, “Olívia Palito”, “cabelo de carvão”, “macaca”, “noob”⁵, “poste”, “lombriga”. E por se considerarem fora do grupo sentiram “tristeza, ódio, solidão, inferioridade, depressão, revolta”.

Já em relação ao entendimento dos estudantes sobre racismo, preconceito, discriminação, estereótipo, eu observei que eles não conseguiam definir a diferença entre os conceitos, sendo para alguns a mesma coisa. Em relação ao estereótipo, os estudantes em sua maioria nunca tinham ouvido falar. Quando perguntados sobre racismo responderam: “Discriminar uma pessoa pela sua cor.”; “Racismo é uma palavra errada. Na minha opinião só existe uma raça: a raça humana.”; “Julgar uma pessoa pela sua cultura.”. Para eles a definição

⁴ A atividade utilizada para realizar as discussões mostra a imagem de um patinho amarelo afastado de um grupo de patinhos pretos, como se estivesse excluído do grupo.

⁵ Noob ou n00b é uma gíria que significa “novato”, e é usada em jogos pelos jogadores mais experientes quando querem fazer referência a jogadores novatos ou a jogadores egoístas ou ignorantes. Em situações cotidianas, o termo *noob* com significado pejorativo tem sido usado entre adolescentes para descrever uma pessoa sem inteligência ou senso comum.

de preconceito é: “Um conceito não elaborado.”; “Um pré-julgamento.”. Quanto a discriminação responderam: “É quando se discrimina uma pessoa.”; “Julga uma pessoa porque ela é diferente.”; “É como julgar um livro pela capa. Só porque se está vestido de uma forma o outro pensa algo diferente de você.” E em relação ao estereótipo nem sabiam o que era: “O que é isto?”; “Julgamento pelo físico.”. Estas afirmações dos estudantes só confirmam como em nossa sociedade o racismo se dá também através da relação entre os aspectos culturais e os aspectos físicos dos indivíduos.

Ao discutirmos sobre a razão de haver preconceito racial em nosso país, onde existem diversas etnias e influência de diversas culturas, alguns estudantes disseram ser por “burrice” e “ignorância”. No caso específico do preconceito racial na escola, alguns estudantes responderam que não existia, e também houve a seguinte resposta: “A maioria do preconceito racial na escola é mais de zoeira.” Alguns estudantes não percebem que os comentários que fazem em tom de “brincadeira” como dizem são prejudiciais na afirmação das identidades, pois na maioria da vezes acreditam que estão entre amigos e tudo é permitido, ou mesmo não sabem o momento de parar.

3.3 O trabalho de leitura e resenha crítica dos livros

Num segundo momento do trabalho, foi esclarecido aos estudantes a respeito dos livros afro-literários escritos por autores negros e brancos, que são voltados para desconstruir a imagem deturpada em relação a pessoa negra, através de relatos da história e cultura africanas, e influência na cultura brasileira. Neste ponto do trabalho o professor de língua portuguesa, que já havia trabalhado as características e elaboração da resenha crítica, distribuiu os livros para os estudantes, em grupos ou duplas, realizarem a leitura dos livros escolhidos. Foi solicitada, então, a produção da resenha crítica e de releituras das capas dos livros aos estudantes. Furneci, também, orientações para direcioná-los na análise dos negros como protagonistas das histórias, da semelhança da história e cultura africanas com a nossa cultura, como também uma análise do perfil dos autores, para que pudessem fazer sua crítica.

3.4 Análise do trabalho por parte dos estudantes

Realizamos uma mostra no pátio da escola para a exposição dos trabalhos realizados pelos professores participantes, no dia de culminância da semana sobre a diversidade étnico-racial com foco nos negros. Para enriquecer o nosso trabalho, contatei a Coordenadoria de Igualdade Racial do município de Contagem para realizar uma parceria e levar palestrantes e oficinairos à escola. Pudemos contar com contadores de histórias, palestrantes que abordaram

temas sobre o sistema de cotas, o negro na mídia, doença falciforme, pessoas da comunidade dos Arturos⁶ e oficinas de penteado e capoeira. Também tivemos o prazer de ouvir relatos pessoais da escritora Madu Galdino⁷ que encantaram e comoveram a todos.

Após o encerramento das atividades, eu realizei uma nova discussão com os estudantes para que pudessem relatar se a experiência de leitura e crítica dos livros afro-literários contribuiu de alguma forma para modificar a imagem que possuíam em relação a pessoa negra, e se haviam gostado também das outras atividades realizadas. Foram feitas anotações no quadro branco, também, para registro das respostas. Também nesta discussão menos da metade dos estudantes da turma expuseram suas opiniões.

Quanto aos pontos positivos cito algumas das falas dos estudantes: “Aprendi mais sobre a África e a cultura.”; “Se não fosse pelo trabalho não saberia sobre a África.”; “Mostrou a realidade do preconceito, mas também sobre a realidade da África, que tem muita coisa boa.”; “Discussão de algo diferenciado.”; “Aprender a diferença entre racismo, preconceito e discriminação.”; “Aprender como pode-se mudar o preconceito e a discriminação.”. Pude observar por estas falas que a maioria dos estudantes desconhece a história e cultura africanas, e todo o legado que os povos escravizados trouxeram para nossa cultura.

Os estudantes encontraram também pontos negativos como: “Só ter uma data específica para se trabalhar a África.”; “Tempo curto para produzir os trabalhos.”; “Perdeu-se aula para trabalhar a temática.”; “Atividades diversificadas apenas no sábado.”. Estes comentários comprovam como é necessário introduzir no currículo da escola a história e cultura africanas e a formação do povo brasileiro para que os estudantes possam compreender todo o processo de construção da nossa história. As atividades realizadas esporadicamente não atingem os objetivos de combater o racismo e o preconceito com relação aos negros.

Especificamente em relação a desmistificação da imagem que tinham do negro através da leitura dos livros afro literários, os estudantes responderam: “O negro não é só escravo, mas tem poder na história.”; “Tirou um pouco a imagem do negro como escravo e mostrou o

⁶ Os Arturos são uma comunidade que, atualmente, conta com cerca de 500 pessoas, entre descendentes e agregados de Arthur Camilo Silvério e Carmelinda Maria da Silva, filhos de escravos negros africanos. A comunidade se situa no município de Contagem/MG e é reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial pelo IEPHA/MG.

⁷ Madu Galdino nasceu e cresceu em conselheiro Lafaiete/MG, foi professora por um bom tempo. Hoje trabalha com a temática racial na forma de palestras e entrevistas. Participa da ONG N'zinga e publicou o livro Mãe Dinha em 2007.

lado bom da cultura, e que o negro pode ser herói.”; “Tudo que os brancos são capazes de fazer os negros também são.”; “Fala um pouco como é ser negro no Brasil e como é na África.”; “Fala também da vinda dos negros para o Brasil para serem escravos.”; “Mostra a cultura e lendas Africanas.”; “O livro “Histórias do Tio Jimbo” tem histórias legais.”; “O livro “Histórias de Preta” é muito cansativo, pois tem muita informação.”; “O livro “Mãe África” tem histórias legais.”. O trabalho com os livros ajudou muito na desconstrução dessa imagem do negro escravizado. Os estudantes puderam ver através das histórias que os negros africanos nem sempre foram escravos, e tinham profissões, respeito em suas comunidades, e que muitos africanos ou descendentes, durante e após a abolição da escravatura, lutaram pelos seus direitos, e conseguiram apesar de tanta dificuldade, realizar trabalhos artísticos e científicos importantes para a sociedade. Mas, infelizmente, nós sabemos que a divulgação e o reconhecimento destas pessoas por muito tempo ficaram esquecidos. Somente após o movimento negro e as políticas públicas é que podemos ter acesso a estas informações. Hoje temos muita literatura e livros paradidáticos que nos auxiliam no trabalho em sala de aula, para a desconstrução da imagem inferiorizada do negro.

4 CRONOGRAMA

AÇÃO	RECURSO	PRAZO DE EXECUÇÃO
Reunião com a direção e equipe pedagógica	Papel, caneta, mesa e cadeiras.	1 dia
Levantamento dos livros afro-literários	Lista de livros afro-literários, papel e caneta.	1 semana
Reunião com o professor de língua portuguesa	Papel, caneta, mesa e cadeiras.	1 semana
Escolha dos livros afro-literários	Mesa e cadeiras.	1 semana
Discussão prévia com os estudantes sobre diversidade, racismo, preconceito e discriminação	Pincel e quadro branco.	1 dia
Leitura dos livros	Livros afro-literários.	1 dia
Produção de resenha crítica e de releituras das histórias através de desenhos	Papel, caneta, lápis preto, lápis de cor, papel colorset, máquina fotográfica.	2 semanas
Exposição dos trabalhos	Cola, painel, máquina fotográfica.	1 dia
Discussão posterior com os estudantes sobre o trabalho com os livros	Pincel e quadro branco.	1 dia

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando todo o processo de trabalho, o que eu pude constatar é que apesar das brincadeiras e falta de compromisso de alguns estudantes o trabalho até que foi produtivo e com certeza conseguiu mudar o modo de pensar de alguns, e estimulou que fizessem reflexões sobre o assunto do preconceito, do racismo, das diferenças. Hoje em dia quando algum estudante faz um comentário equivocado dentro do assunto debatido, às vezes outros estudantes chamam-lhe a atenção, fazendo a correção, e comentam: “Você não se lembra do que a professora ensinou?” Isto demonstra que é preciso debater sobre os temas regularmente. Muito embora eu também tenha percebido que o trabalho isolado com os livros afro literários não produz um efeito tão bom quanto foi o trabalho conjunto de discussões, palestras e outras áreas envolvidas. Alguns estudantes chegaram a relatar que gostaram muito das discussões em sala e que foram importantes para eles.

E posso concluir através da fala de muitos estudantes que, o trabalho de desconstrução dos preconceitos de modo geral e especificamente do preconceito para com o negro, só se dará de fato com a aplicação da lei 10639/03 nos currículos. O processo deve ser contínuo e interdisciplinar, para que os estudantes não vejam o tema como algo que se deve lembrar em algumas datas, sem compromisso. E também é necessário que, antes de se trabalhar com os estudantes, nós professores e educadores da escola possamos debater o tema e suas formas de abordagem, para que nosso trabalho não seja desconstruído por falas e ações contrárias, de desconhecimento do assunto.

É preciso estabelecer um diálogo entre o tema racial e os demais conteúdos trabalhados na escola, de forma contextualizada, preenchendo as lacunas existentes e criando possibilidades de uma referência positiva do povo e da cultura africanos, para que possamos modificar este olhar preconceituoso sobre as nossas origens africanas e sua influência na formação da identidade brasileira.

Através da inclusão da História da África e da Cultura Africana e Afro-Brasileira nos currículos, conforme a exigência da lei 10639/03, conseguiremos equalizar as informações sobre as diversas culturas mundiais, e realmente propor um currículo baseado na diversidade e na pluralidade e que reflita a realidade brasileira. Desta forma, os estudantes terão uma melhor compreensão da história da formação do povo brasileiro e os afro-brasileiros poderão construir uma imagem positiva de si e se auto reconhecer como sujeitos históricos.

REFERÊNCIAS

- AMÂNCIO, Iris M. da Costa. Africanidades em letras: pressupostos para o ensino das Literaturas Africanas e Afro-brasileira nos termos das leis educacionais 10.639/2003, 11.645/2008 e 12.796/2013. In: CONGRESSO NACIONAL AFRICANIDADES E BRASILIDADES: culturas e territorialidades. 2, 2015, Vitória. **Anais...** Espírito Santo: UFES, 2015. Disponível em: < <http://www.periodicos.ufes.br/cnafricab>. > Acesso em: 3 de ago. de 2015.
- ANDRADE, Inaldete Pinheiro de. Construindo a auto-estima da criança negra. In: MUNANGA, Kabengele (Organizador). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. rev. Brasília: MEC, Secad, 2005, p. 117 – 123.
- AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. São Paulo: Ática, 1974.
- BENTO, Maria A. Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria A. Silva (Organizador). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. (Psicologia Social).
- BLOCH, Pedro. **Dito, o negrinho da flauta**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2004.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, out. 2004.
- BRASIL, Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP 3/2004**, Brasília, 10 mar. 2004.
- BRASIL, Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 10 jan. 2003.
- CALACINA, Cecy. **Adolescente e a busca da identidade**. Disponível em: < http://psicologacecycalacina.blogspot.com.br/2011/04/adolescente-e-busca-da-identidade_20.html> Acesso em 28 de jul. de 2015.
- CASTILHO, Suely Dulce. O ser negro e a literatura infanto-juvenil. In: MULLER, Maria Lúcia R. (Organizador) **Cadernos NEPRE: trabalhando as diferenças no ensino fundamental**. Cuiabá, v.1, n.1, p. 40 – 43, jan.- jun. 2005.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. Relações raciais no cotidiano escolar: implicações para a subjetividade e a afetividade. In: *A Cor da Cultura. Saberes e fazeres, v.1: Modos de Ver.* Coordenação do projeto Ana Paula Brandão. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006.

DJOKIC, Aline. **A construção da identidade negra e suas diferentes fases.** Disponível em < <http://blogueirasnegras.org/2015/06/02/a-construcao-da-identidade-negra-e-suas-diferente-fases/>> Acesso em 28 de jul. de 2015.

FELISBERTO, Fernanda. A África na sala de aula: recuperando a identidade afro-brasileira na história e na literatura. In: GOMES, Nilma Lino (Organizador). **Tempos de lutas: as ações afirmativas no contexto brasileiro.** Brasília: MEC, Secad, 2006.

FILHO, José Resende; BRASIL, Assis. **Tonico e Carniça.** 9. ed. São Paulo: Ática, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** 21. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 41. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala.** 48. ed. São Paulo: Global, 2006.

GOMES, Nilma Lino. Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação. In: MUNANGA, Kabengele (Organizador) **Superando o racismo na escola.** 2. ed. rev. Brasília: MEC, Secad, 2005, p. 143 – 154.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL, MEC/SECAD. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela lei federal nº 10639/03.** Brasília: SECAD, 2005.

GUIMARÃES, Bernardo. **A escrava Isaura.** 6. ed. São Paulo: Ática, 1976.

JOVINO, Ione da Silva. Literatura Infanto-Juvenil com personagens negros no Brasil. In: SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré. **Literatura afro-brasileira.** Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

LIMA, Heloisa Pires. Personagens negros: um breve perfil na literatura infanto-juvenil. In: MUNANGA, Kabengele (Organizador) **Superando o racismo na escola.** 2. ed. rev. Brasília: MEC, Secad, 2005, p. 101- 115.

LIMA, Heloisa Pires. **Histórias da Preta.** 2. ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2005.

LOBATO, Monteiro. **Memórias da Emília.** São Paulo: Círculo do Livro, 1987a.

LOPES, Nei. **Histórias do Tio Jimbo**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

LOPES, Vera Neusa. Racismo, Preconceito e Discriminação. In: MUNANGA, Kabengele (Organizador) **Superando o racismo na escola**. 2. ed. rev. Brasília: MEC, Secad, 2005, p. 185 - 204.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: BRANDÃO, André A. P. (Organizador) **Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira**. Niterói, RJ: EdUFF, 2004.

MUNANGA, Kabengele. Apresentação. In: MUNANGA, Kabengele (Organizador) **Superando o racismo na escola**. 2. ed. rev. Brasília: MEC, Secad, 2005, p. 15-20.

SILVA, Ana Célia da. A desconstrução da discriminação no livro didático. In: MUNANGA, Kabengele (Organizador) **Superando o racismo na escola**. 2. ed. rev. Brasília: MEC, Secad, 2005, p. 21-37.

SILVA, Conceição F. Seixas. **A escola e as relações de igualdade e diferença**. Trabalho apresentado no Curso de Especialização: Gênero e Diversidade na Escola, promovido pela Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A Produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz T. da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SISTO, Celso. **Mãe África: mitos, lendas, fábulas e contos**. São Paulo: Paulus, 2007.

SOUSA, Ângela; SODRÉ, Patrícia. **Literatura Infanto-Juvenil e Relações Étnico-Raciais no Ensino Fundamental**. *Relatório Anual*. PUC-RIO, 2011.

ANEXO I

ATIVIDADE PARA TRABALHAR PREVIAMENTE AO PROJETO DE INTERVENÇÃO COM OS ESTUDANTES

- Primeiramente pedir que os estudantes analisem as figuras abaixo e então levantar as questões relacionadas para serem debatidas.



- 1- Que sentimentos esta imagem transmite para vocês?
- 2- Vocês acham que ela retrata situações que podem ser observadas no dia a dia?
- 3- Alguém já se sentiu “na pele” do patinho amarelo?
- 4- Como foi sentir-se diferente do grupo?
- 5- Qual o problema em ser diferente do outro?
- 6- Na escola e em outros espaços de convivência social, procuram se relacionar com pessoas que são diferentes de vocês?

- 7- Como agem em relação ao jeito diferente de ser e de se comportar do outro?
- 8- Respeitam o outro, o colega, apesar das diferenças?
- 9- Conseguem identificar pessoas que vocês evitam conviver por algum julgamento negativo em relação a elas? Como explicam essa atitude de vocês?



- 1- O que a imagem transmite a vocês?
 - 2- Vocês concordam que ninguém nasce racista?
 - 3- Então, como explicam a origem do racismo nas pessoas?
 - 4- Vocês acham que o racismo é aprendido e que depende da cultura, da sociedade e da família?
 - 5- O que vocês entendem por racismo? E por preconceito? E por discriminação?
- Após este momento registrar no quadro branco as ideias dos estudantes sobre estes conceitos.
 - Se houver necessidade mostrar o conceito das palavras retiradas do documento "Brasil, Gênero e Raça".

- Racismo – a ideologia que postula a existência de hierarquia entre grupos humanos.
- Preconceito - uma indisposição, um julgamento prévio negativo que se faz de pessoas estigmatizadas por estereótipos.
- Estereótipo - atributos dirigidos a pessoas e grupos, formando um julgamento a priori, um carimbo. Uma vez “carimbados” os membros de determinado grupo como possuidores deste ou daquele “atributo”, as pessoas deixam de avaliar os membros desses grupos pelas suas reais qualidades e passam a julgá-las pelo carimbo.
- Discriminação – é o nome que se dá para a conduta (ação ou omissão) que viola direitos das pessoas com base em critérios injustificados e injustos, tais como: a raça, o sexo, a idade, a opção religiosa e outros.
 - Por último ler com os estudantes depoimentos de pessoas que já viveram situações referentes ao preconceito racial e discutir as questões relacionadas.

Depoimento 1:

“No ano passado, eu passeava num shopping de Curitiba com minha mãe, quando gostei de uma blusa. Entrei na loja. Vi o preço. Era caríssima. Mesmo assim, quis experimentar. Mas ninguém me atendia. As vendedoras me olhavam de cima para baixo. Olhavam e faziam que não me viam. Fiquei nervosa e fui embora. Disse à minha mãe o que tinha acontecido. Decidi, então, voltar. Conteí até dez. Todos continuavam a me ignorar. Aí explodi: "Será que tenho de abrir minha bolsa e mostrar meu cartão de crédito?" Virei as costas e saí. A gerente então correu atrás de mim. Tentou me explicar que não podia adivinhar que eu tinha dinheiro para comprar a blusa. Não quis ouvi-la, não. Poxa, só porque sou negra não posso ter dinheiro?”

Cynthia Rachel , 18 anos, a Biba do Castelo Rá-Tim-Bum (Veja, 24/06/1998).

Depoimento 2:

“Desde os 12 anos, coloquei na minha cabeça que eu poderia me dar bem no futebol. Era um sonho, eu sabia. Então, por segurança, estudava para ser torneiro mecânico, enquanto vendia pastéis em feiras da prefeitura. A vida era difícil. Refrigerante e frango, só aos domingos. Na escola, como eu não tinha dinheiro para comprar doces na hora da merenda, meus amigos diziam: ‘Também, teu pai é preto e lixeiro’. Até hoje me lembro de um garoto branco, o Marcos. Ele era muito rico para os nossos padrões, mas era o único que não se incomodava

com a minha cor. Era meu melhor amigo. Trocávamos as roupas e ele me deixava usar as dele, muito mais caras e bonitas que as minhas. Eu nunca ia às festas boas do meu bairro. Tinha medo da discriminação. Sei que os grã-finos me olhavam de maneira diferente, então procurava o povão em bailes funk. Tudo isso era triste para mim, mas pior decepção foi quando me apaixonei pela filha de um marinheiro. Ele não admitia vê-la ao lado de um negro com cabelo black power. E esse racismo arruinou tudo”.

Marcelo Pereira Surcin, o Marcelinho Carioca, jogador de futebol (Veja, 24/06/1998).

- 1- Vocês conhecem depoimentos ou identificam situações de preconceito e discriminação em relação aos negros? Como essas pessoas se sentiram nestas situações? Quais foram as consequências produzidas em suas vidas?
- 2- Será que existe a “cor ideal” para ser feliz? Para ser respeitado como um cidadão de direitos?
- 3- Será que algumas raças são realmente superiores a outras? Vocês acreditam nisso?
- 4- Qual a razão do preconceito racial em um país de diferentes etnias e culturas? Como vocês explicam isto?
- 5- Existe preconceito racial na escola?
- 6- Vocês já sofreram algum tipo de preconceito racial?
- 7- Vocês já presenciaram alguma atitude racista?
- 8- No ambiente escolar vocês percebem diferenças no tratamento dado a brancos e negros?

Atividade retirada do site:

<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=27063>

ANEXO II

RESENHAS CRÍTICAS E RELEITURAS DE CAPAS REALIZADAS PELOS ESTUDANTES



AS HISTÓRIAS DA PRETA

O livro fala do povo afro-descendente que veio a força viver como escravo no Brasil. Hoje, no nosso país, metade da população é negra. A personagem Preta mostra como é viver no Brasil, um país desenvolvido, mas ainda bem racista.

Heloisa Pires Lima é uma afro-descendente de Porto Alegre. É formada em Psicologia pela PUC-SP e Ciências Sociais pela USP. Sempre gostou de livros e de observar as plantas, os bichos e gente.

O livro *As Histórias de Preta* é um bom exemplo de como as pessoas negras lidam com o mundo. Nós recomendamos a sua leitura para todas as raças.

Lucca Dalton
Samuel Arndt


Relato e Ilustração
Celso Sisto



Mãe Africa

Mitos, Lendas, Fábulas, e

Contos


PAULUS

O livro Mãe África é uma rica coletânea de histórias africanas feita com base em ampla pesquisa, com o objetivo de ressaltar a diversidade de etnias do continente africano.

O autor Celso Sisto é escritor , ilustrador, contador de histórias, ator, arte-educador e crítico de literatura infantil e juvenil. O autor selecionou 29 histórias originárias de diversos lugares da África, procurando privilegiar histórias ainda não publicadas em português.

Os leitores encontraram nesse maravilhoso livro uma festa plural de cores, nomes, belezas, sabores, feitos e fantasias africanas, os quais exercem muita influência na cultura brasileira.



NEI LOPES

Histórias do

Tio

Jimbo

Histórias de Tio Jimbo

Os contos lidos: Samori, a mais longa resistência; Duas senhoras escritoras; Licutan e a chama da revolta.

Resenha

Todos os contos citados abordam a injúria racial contra os negros que sofriam desde a escravidão. O preconceito e a perseguição aos negros era tão grande que eles passaram a ser uma mercadoria. O livro conta do Tio Jimbo e o seu companheiro Dudu que é um garoto muito interessado pela cultura negra.

Nei Lopes é o nome do autor deste livro que conta uma série de histórias sobre a cultura negra. Nei nasceu no subúrbio do Rio de Janeiro, em maio de 1942, formou-se em Direito e integrou as escolas de samba Acadêmicos do Salgueiro e Unidos de Vila Isabel. Compõe sambas e escreve poemas, tem seis CDs gravados como cantor, além de ser bastante requisitado para palestras, conferências e shows musicais. Já escreveu e publicou dezessete livros, entre ensaios, dicionários, contos e uma enciclopédia sobre a Diáspora Africana. Nei é negro assim como Maurício Veneza. Já foi agraciado com várias honrarias como o Golfinho de Ouro do estado do Rio de Janeiro, o prêmio Tim de música e a Comenda da Ordem do Mérito Cultural do Minc, ambos em 2005.

Nós gostamos muito do livro, pois fala do racismo e do preconceito, critica os povos de fora da África que escravizaram os negros, e recomendamos a todos lerem.

Lucas Bastos e Frederico – 9º B



Resenha do livro: Historias do Tio Jimbo

O São Benedito de São Mateus – das pags.91 a 93

Essa resenha refere-se a descrição de santos, em destaque, São Benedito o padroeiro dos escravos . São Benedito era brasileiro, que, em vida, foi escravo e revolucionário, líder pacífico de um grande quilombo capixaba no século XIX, Benedito Meia-Légua (esse era o seu nome).

O autor do livro chamado Nei Lopes revel, pela fala “malandra” e intelectual do velho e esperto “Tio Jimbo”.

A historia por sua vez apresenta descrição misteriosa voltada para o catolicismo, interessante pois abre a mente de fatos ocultos ocorridos.

Luiza Mahim e Luiz Gama- das pags. 94 a 96

Pois é assim que começa a historia, de um grande abolicionista brasileiro, poeta, baiano e mestiço, Luiz Gonzaga Pinto da Gama, nasceu em Salvador em 1930 filho de um fidalgo baiano de origem portuguesa da africana livre Luiza Mahim, em novembro de 1840, o pai de Luiz Gama, depois de perder no jogo tudo que tinha, vende o filho como escravos bordo de um navio que traz para o Rio de Janeiro, na terra carioca, Luiz é vendido aos Alferes Antonio Pereira Cardoso fazendeiro em Campinas e com apenas 10 anos de idade, aos 17 anos aprendendo a ler e a escrever e em 1842, Luiz Gama foge para o mundo, transforma-se em um advogado admirado e temido nos tribunais paulistas, no dia 24 de Agosto em 1832 morre Luiz Gama sem ver seu ideal concretizado.

O autor do livro chamado Nei Lopes revel, pela fala “malandra” e intelectual do velho e esperto “Tio Jimbo”.

Esse texto é de aspecto de aventura e drama, de intensidade interessante de absorção, voltada para a historia.

As Ranavalonas de Madagascar- das pags. 97 a 99

Madagascar é uma ilha a leste do continente africano. Ranavalona foi uma rainha de Madagascar, alias , foram três. Todas três lutando pela independência do seu país. Fica na África e a caminho da Oceania. É negra, indiana e árabe, tem vulcões, florestas, e papagaio e lagartos.

Ranavalona I reinou de 1828 a 1861, aos 40 anos, e morreu em 1861.

Ranavalona II foi arainha de 1868 a 1883, institui a obrigatoriedade do serviço militar aos 18 anos.

Ranavalona III em 1883 sucede á segunda Ranavalona, tinha apenas 22 anos. Presa a rainha, o povo que tinha por ela verdadeira adoração, sacode Madagascar. Organiza-se a guerrilha. Volta-se á religião tradicional e ao culto aos antepassados. Procura-se varrer de ilha tudo o que cheira a dominação estrangeira. Mas a França anexa Madagascar em 1896. E aniquila de vez o poder da última das Ranavalonas.

O autor do livro chamado Nei Lopes revel, pela fala “malandra” e intelectual do velho e esperto “Tio Jimbo”.

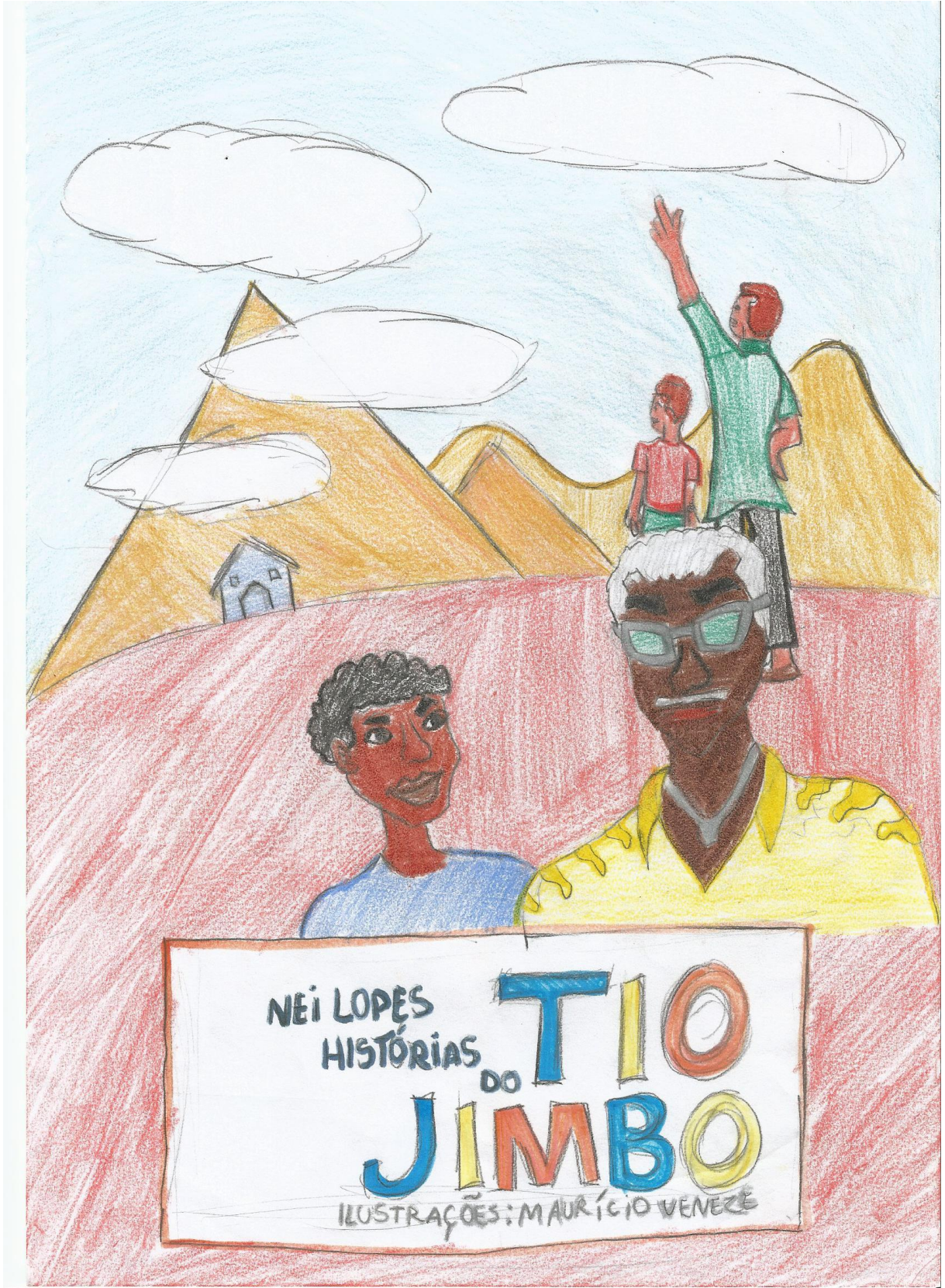
Texto muito interessante, com descrições dos seus reinos voltado para Madagascar sobre as Ranavalonas (rainhas de Madagascar) que por sua vez mesmo com lideranças diferentes queriam alcançar o mesmo objetivo, lutar pela independência do seu país.

Escola: Municipal Vasco Pinto da Fonseca

Nome: Aléxia Nascente e Fabiola

Turma: 9º B

Data: 26/08/2015



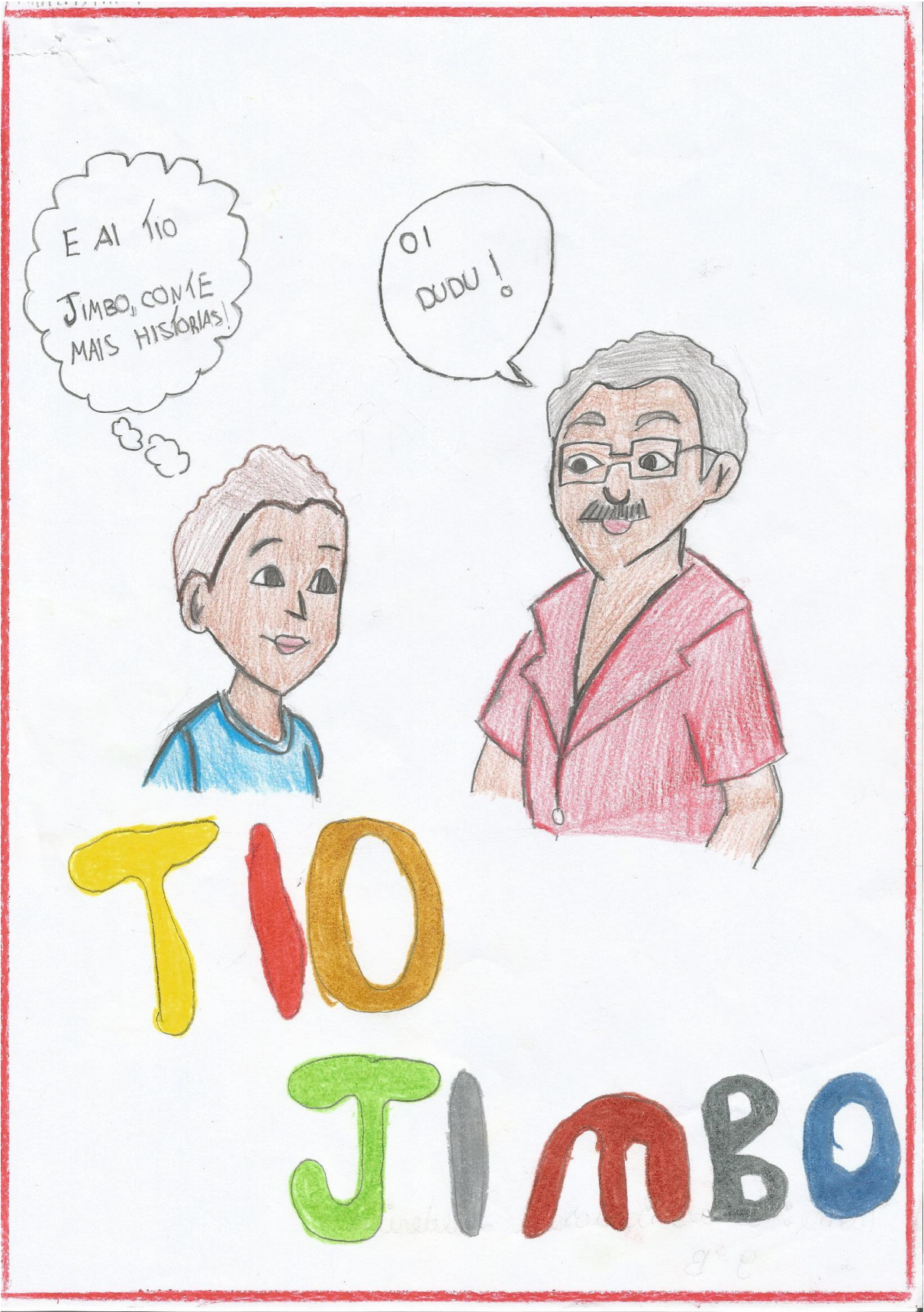
HISTÓRIAS DO TIO JIMBO

Nos três primeiros contos, o livro fala do Egito antigo, uma região de muitas etnias, mas a origem de tudo era evidentemente negra. Explica o valor que o ouro possuía no século passado e questiona qual bem precioso o substituirá. No terceiro conto, Tio Jimbo discute o instigante tema da tradição africana: cultural e religiosa.

Nei Lopes, o autor, nasceu no subúrbio do Rio de Janeiro em maio de 1942. Formou-se em Direito e integrou várias Escolas de Samba. É compositor, palestrante e já escreveu vários poemas.

O livro é interessante e sua leitura é bem agradável. Tio Jimbo conta diversas histórias de modo cultural e surpreendente. Possui um vasto conteúdo histórico numa linguagem simples e acessível a todos os públicos.

Guilherme Augusto
Fillipe Leão



HISTÓRIAS DO TIO JIMBO

Tio Jimbo é um homem negro que conta histórias dos povos africanos para o garoto Dudu, seu sobrinho, menino curioso e antenado. As histórias aconteceram na idade média africana, há muitos séculos ou há menos tempo, na África, em Roma, nos Estados Unidos ou aqui, no Brasil.

Nei Lopes é compositor e intérprete de música popular, escritor e estudioso das culturas africanas, no continente de origem e na diáspora. Nascido no subúrbio do Rio de Janeiro, em maio de 1942, formou-se em direito e integrou as escolas de samba, Acadêmicos do Salgueiro e Unidos de Vila Isabel.

O livro é muito bom, pois conta histórias dos negros e do povo africano.

Davi Rangel e Lucas Marques 9º B



HISTÓRIAS DO TIO JIMBO

Histórias do Tio Jimbo é um livro que conta as histórias de feitos políticos e guerreiros como Hatuzil III, Tiglat-Palazar, Nabucodonosor, Senaqueribe; fala das atrocidades de Calígula, Cláudio e Nero; fala da dinastia Ming na China; fala da Rússia, etc.

Nei Lopes nascido em maio de 1942 formou-se em Direito e integrou as escolas de samba Acadêmicos do Salgueiro e Unidos de Vila Isabel. Já escreveu e publicou dezessete livros, entre ensaios, dicionários, contos e uma enciclopédia sobre a Diáspora Africana. Já foi agraciado com várias honrarias, como o Golfinho de Ouro do Rio de Janeiro, Prêmio Tim de Música e a Comenda da Ordem do Mérito Cultural da Minc, ambos em 2005. Em 2006, foi relacionado pela revista O Globo como “um dos 100 brasileiros geniais”.

Eu apenas li três contos do livro, mas são contos divertidos e interessantes. Achei Nei Lopes um ótimo escritor. O bom dos contos é que são pequenos, mas são bem escritos e bem elaborados.

Matheus Pinheiro e Lucas Ayala 9º B



HISTÓRIAS DO TIO JIMBO

Os contos Abu Bacar o rei navegador, A viagem fantástica de Kanku Mussá, Idriss Alaoma o guerreiro elegante falam sobre personagens da literatura africana que nos fazem embarcar de cabeça em suas aventuras.

O autor dos textos, Nei Lopes, nasceu no subúrbio do Rio, se formou em Direito e integrou as escolas de samba Acadêmicos do Salgueiro e Unidos de Vila Isabel. Ele gosta de compor sambas, escrever poemas, é cantor e tem 6 CD's gravados, sendo muito requisitado para palestras, conferências e shows musicais.

Nós gostamos de ler os contos, pois o autor consegue transmitir para o leitor toda a magia da história africana e de seus ilustres personagens, utilizando palavras que cabem em poucas páginas.

Isabella Giammarino e Ian Amaral 9º B



Na primeira história fala de Richard Allen, que quando moço foi vendido para a fazenda de Maryland, onde iniciou sua carreira de pregador e com esforço conseguiu juntar dinheiro para comprar sua liberdade. Quando ainda era escravo, Allen conversava muito com o fazendeiro, seu senhor, que era um ateu convicto e o converteu, transformando-o na primeira ovelha de seu rebanho. A segunda história fala que Tchaca criou um dos mais bem equipados exército de sua época, e cada regimento usa uma cor de uniforme e penteado diferente. Ele modificou o armamento do exército substituindo as lanças de arremessar de cabo comprido, por outras de cabo curto e de lâmina larga, e também acabou com as sandálias que dificultavam os movimentos das tropas. Os Zulus conquistaram outros povos, expandiram seu território e se tornaram uma grande potência, graças a Tchaca. Na terceira história fala de Lucas Dantas, que foi preso e como resistiu a prisão chegou a Bahia ainda elegante, mas bastante machucado. Ele foi interrogado e teve confiscado os únicos bem que possuía. No dia de sua morte Lucas Dantas ao lado de Manuel Faustino, saiu da cadeia as 9 horas da manhã e caminhou a pé para a morte. As execuções foram demoradas e seus pedaços ficaram expostos em lugares diferentes.

NEI LOPES nascido no subúrbio do Rio de Janeiro em maio de 1942, compõe sambas e escreve poemas, tem CDs gravados, já escreveu e publicou dezessete livros entre ensaios, dicionários, contos e uma enciclopédia sobre a Diáspora Africana. Em 2006, foi relacionado pela Revista O GLOBO como um dos 100 brasileiros geniais. Quase nada o tira do sério. A exceção: a resistência de alguns setores da sociedade às políticas de inserção social dos negros, sua principal bandeira ideológica, segundo ele camufla e desigualdade racial ainda existe.

Esse livro é muito bom recomendo, pois conta sobre várias histórias uma mais interessante que a outra. Quem conta essas histórias é o TIO JIMBO um homem negro que quando pequeno estranhava não ouvir sobre os guerreiros e políticos dos povos africanos, e não quer que se repita o mesmo com seu sobrinho DUDU.